

## “A Louca Da Casa” E O Universo Da Escrita Feminina.

Prof. Mestre. Jecilma Alves Lima<sup>1</sup> (CEFET-BA)

### **Resumo:**

*Seguindo, durante muito tempo, um itinerário próprio, a escrita de autoria feminina hoje se insere no universo da crítica literária de uma forma que não permite a associação entre valores de ordem estética e outros medidos pela questão do gênero. Escrever torna-se algo “natural” para a mulher contemporânea, muitas vezes um imperativo, e o reconhecimento surge a partir de critérios que transcendem os sexistas. Atualmente, críticos e leitores, começam a perceber que o ser humano não se reduz a uma fórmula, sendo compostos de influências onde a de gênero é apenas mais uma a determinar o modo de ver e narrar o mundo. É por este caminho que passa a autora de “A louca da casa”. Rosa Montero acredita que não escreve sobre mulher, sua obra se insere em um momento em que os critérios tornam-se universais. Ainda assim reconhece que sua forma de narrar, como a de todo escritor, está condicionada por valores, entre eles o sexual não mais determinante que os de espaço geográfico, tempo, entre outros, todos culturais.*

**Palavras-chave:** feminina, narrativa, literatura, imaginação.

Num texto avaliativo sobre os estudos feitos no Brasil acerca da literatura feminina, Heloisa Buarque de Hollanda convoca os departamentos de Literatura Brasileira a se inserirem na empreitada acadêmica dos estudos interdisciplinares desenvolvidos sobre Mulher e Literatura e a considerarem a especificidade dessa contribuição:

(...) a interdisciplinaridade e a relativização das fronteiras da investigação dos estudos literários surgem como uma das saídas possíveis para a marginalização destes estudos.<sup>1</sup> (HOLLANDA, 1992, p.63)

A pesquisadora Zahidé Muzart, por outro lado, alerta-nos sobre o perigo da utilização da classificação estética nos estudos feitos acerca dos textos escritos por mulheres. Este critério, norteado por parâmetros masculinos de originalidade e valor estético universal, notadamente elitista, seletivo e excludente que desconsidera as diversidades culturais, sociais, sexuais e raciais, certamente desclassificaria a literatura feita por mulheres como “sentimental” e, portanto, indigna de ter representatividade junto ao cânone.

O resgate e a leitura aprofundada das obras de algumas escritoras revelam que não foi com pouco esforço que estas mulheres inseriram seus nomes na história da humanidade e contribuíram, efetivamente, para que hoje possamos estar aqui recontando suas histórias de vida ao passo que reescrevemos a nossa própria história a partir de suas narrativas.

Seguindo, durante muito tempo, um itinerário próprio, a escrita de autoria feminina hoje se insere no universo da crítica literária de uma forma que não permite a associação entre valores de ordem estética e outros medidos pela questão do gênero. Se houve, a título de resgate, a tentativa de se abrir o cânone para a entrada de escritoras tornando-o uma espécie de luta pela justiça social, na contemporaneidade, estratégias como esta, aos poucos, vêm sendo consideradas desnecessárias. Escrever torna-se algo “natural” para a mulher contemporânea, muitas vezes um imperativo, e o reconhecimento surge a partir de critérios que transcendem os sexistas. Atualmente, críticos e leitores, ao menos os mais atentos, começam a perceber que o ser humano não se reduz a uma fórmula, sendo compostos de influências onde a de gênero é apenas mais uma a determinar o modo de ver o mundo e, conseqüentemente, narrá-lo.

---

<sup>1</sup> HOLLANDA, Heloísa B.de. Os Estudos sobre Mulher e Literatura no Brasil: Uma Primeira Avaliação. IN: COSTA, Albertina (org) Uma Questão de Gênero. SP: Rosa dos Tempos, p.63, 1992.

Para a escritora contemporânea o trânsito pela literatura torna-se menos congestionado pois, como admite Virgínia Woolf, no texto “*Carreiras femininas*”:

O caminho foi aberto há muito tempo por Fanny Burney, Aphra Behn, Harriet Martineau, Jane Austen, George Eliot, todos nomes ilustres, e por outras, ainda mais numerosas, porém menos célebres ou esquecidas, que nivelaram o caminho diante de mim e determinaram meus passos.<sup>2</sup> (NATHAN, 1989, pp.178-185)

A escritora reconhece, com este comentário, a importância do posicionamento, muitas vezes radical, de suas precursoras “menos célebres ou esquecidas” que pavimentaram o caminho por onde circula a escrita de autoria feminina.

E é por este mesmo caminho pavimentado que passa a autora de “*A louca da casa*”, a espanhola Rosa Montero, 53 anos, uma mulher que se criou em meio ao movimento cultural que tomou conta da Espanha logo após a morte de Francisco Franco, em 1975, general que submeteu o país a 36 anos de ditadura, período em que uma mulher oficialmente casada só podia trabalhar, abrir conta em banco ou tirar passaporte com autorização do cônjuge.

Rosa Montero participou, na segunda edição da FLIP \_ Festa Literária Internacional de Parati, na cidade histórica de Parati, litoral sul do Rio de Janeiro, da mesa intitulada *Vozes femininas* e foi uma das protagonistas do protesto contra o título da exposição que apresentava as escritoras como representantes da literatura de gênero. Este seu protesto foi o mote principal de diversas entrevistas e matérias publicadas na época da sua vinda ao Brasil. Gênero é a humanidade, diz ela, e completa em entrevista veiculada em meio eletrônico após o evento:

Vozes femininas... É uma coisa terrível que indica a visão não neutra que vivemos. Eu não tenho nenhum interesse em escrever sobre mulheres. Não me interessa nada porque uma coisa que me deixa furiosa é quando uma escritora mulher escreve um romance protagonizado por uma mulher todos consideram que está falando de mulheres, e quando um homem escritor escreve um romance protagonizado por um homem todos consideram que está falando sobre o gênero humano. Eu não quero escrever sobre mulheres, quero escrever sobre o gênero humano. Mas 51% do gênero humano são mulheres, essa é a questão. Estou farta de que sigamos sendo o outro. Somos o todo, como todos.<sup>3</sup>

Rosa Montero não quer escrever sobre mulheres, e nem precisa, pois, sua obra se insere em um momento que a luta se arrefece e, aos poucos, os critérios tornam-se universais. Ainda assim reconhece que sua forma de narrar, como a de todo escritor, está condicionada por valores, entre eles o sexual não mais determinante que os de espaço geográfico, tempo, entre outros, todos culturais.

Sobre o que escreve então a espanhola? No livro “*A louca da casa*”, escolhido como o livro do ano em 2003, pelos leitores espanhóis, Rosa passeia pelo universo da escrita de forma leve e prazerosa. Unindo crítica literária, ficção e biografia de escritores famosos (ou nem tanto) ela compõe um livro sobre literatura e imaginação (que é a própria louca da casa), duas palavras indissociáveis na concepção de escrita da autora.

No livro em questão, ao lado da biografia de outros escritores e a considerações sobre o ato de escrever, nos deparamos com diversos momentos de autobiografia, caráter que alguns críticos costumam atribuir a literatura de autoria feminina, mas que também encontramos em escritores, ho-

---

<sup>2</sup> NATHAN, Monique. *Virgínia Woolf*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (Coleção Escritores de Sempre), pp.178-185.

<sup>3</sup> Entrevista cedida a jornalista Regina Zappa e a atriz e diretora de cinema Ana Maria Magalhães, veiculada em meio eletrônico no site bafafa.com.br. Acesso 10/02/2006

mens e canônicos, como Vargas Llosa, de quem, inclusive, é o comentário elogioso publicado na contracapa do livro.

Rosa Montero fala dela, sim. Fala dos ficcionistas em geral também. Porque dentro de um escritor mora muita gente. Segundo ela mesma "O romance é a autorização da esquizofrenia" e "ser romancista é conviver harmoniosamente com a louca de cima", a imaginação.

Mas, ao passo em que se mostra, a escritora compõe a harmonia das suas faculdades expressivas entre o contar-se, o contar os "outros" e discursar sobre a arte de escrever, universalizando e traduzindo em arquétipos, problemas subjetivos individuais. Desta forma, instaurando correntes de associações que vai transformar a relação autor/livro/leitor em uma outra que poderíamos esquematizar da seguinte forma: homem/vida/universo. A sua "história" é, ao passo em que se revela, a história do ser. É importante salientar que em resposta a colocação de que, sendo mulher, Rosa escreve sobre ela mesma, há no livro em questão uma espécie de *post scriptum* que adverte, ironicamente o leitor para que este desconfie do caráter auto biográfico da obra:

Tudo que conto neste livro sobre os outros e outras pessoas é verdade, quer dizer, responde a uma verdade oficial documentalmente verificável. Mas receio que não posso garantir o mesmo sobre o que se refere à minha própria vida. Porque toda biografia é ficcional, e toda ficção, autobiográfica, como dizia Barthes. (MONTERO, 2004, p194)

*A louca da casa* é um livro indefinível, como disse Vargas Llosa. É ensaio e ficção, biografia e autobiografia, é memória e metaficção, contemporâneo ao extremo neste modo de não se enquadrar especificamente em nenhuma estante. Uma narrativa sobre a narrativa, o que é o mesmo que dizer sobre a invenção do homem. Pois é esta a idéia defendida no livro: A narrativa é uma forma de inventarmos a nós mesmos. Criamos o nosso ser à medida em que lembramos, pois "a nossa identidade reside na memória". Ao narrarmos, qualquer que seja o assunto, estamos nos contando, como uma forma de catarse. Ao nos inventarmos na narrativa, e todo narrador é um mitômano, fugimos de uma realidade que poderia sufocar e reprimir a "louca" que cada um de nós guarda em um quarto da casa, que amamos, mas torcemos para que os vizinhos não escutem seus gritos e cantos e pense mesmo que ela não existe.

Escreve-se também, segundo a escritora, para aprisionar o instante vivo e driblar o esquecimento. Os escritores disparam palavras contra a morte, acredita Rosa, em uma busca pela imortalidade que não será alcançada por muitos, sendo mulher ou homem, mas ao voltar o olhar para o passado percebemos que a luta é mais acirrada para as pertencentes ao "sexo frágil", a própria escritora admite que na luta por domar a palavra tem um obstáculo a mais: onde todos escrevem "homem" ela, como as outras, teve que aprender a ler também "mulher". Para a mulher escritora, que esteve por muito tempo condenada ao pior castigo que é o de não ser reconhecida e lida, o esquecimento é ainda um monstro maior e mais assustador, mesmo porque a luta pela imortalidade resvala na luta pelo espaço dentro da sociedade, expressão já tornada clichê entre as minorias. Ao analisar o engajamento de alguns escritores Rosa Montero aponta para o perigo de nos tornarmos, ficcionistas ou não, mulheres ou homens, prisioneiros dos preconceitos ou das causas. O reconhecimento, no âmbito das artes, não pode ser condicionado, exclusivamente à justiça social, "o utilitarismo panfletário é a traição máxima do ofício". Ainda que seja naturalmente humano engajar-se.

Considero-me feminista, porque o feminismo é por definição anti-sexista. O problema é que há muito quem encare o feminismo como o contrário de machismo. A ideologia machista tem ridicularizado a palavra, tem-lhe dado uma carga negativa. Agora, eu não deixo de a usar, porque o feminismo tem uma história muito importante. E parece-me natural que, no início do século XXI, todo o mundo que pense um pouco se assuma como feminista ou anti-sexista.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> ver nota 3

A literatura sempre aspira a ser única. Todas as vozes dos escritores são buscas de uma única voz que é a sua. Nesse sentido está sempre mais além do gênero, da situação. Rosa Montero se diverte com comentários de críticos, leitores ou escritores que teimam em afirmar que na escritura das mulheres não há ação, que fala dos sentimentos, das emoções, que é muito introspectiva. Ela sabe que eles também sabem que a literatura são os sonhos da humanidade, e nós, acredita Rosa, sonhamos o que somos”<sup>5</sup>.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas — estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Maria Lessa e Heloísa Pezza Cintrão, São Paulo: EDUSP, 1997. 385 p.(Ensaio Latino-americanos, 1).
- [2] COELHO, Nelly Novaes.. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993. 333 p.
- [3] HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 288 p.
- [4] JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. 448 p. (Col. Pierre Menard).
- [5] MONTERO, Rosa. *A louca da casa*; tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman.- Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- [6] MUZART, Zahidé Lupinacci. *Na Aprendizagem da Palavra: A Mulher na Ficção Brasileira-século XIX*.IN: MUZART, Zahidé Lupinacci. (Coord.) *Fazendo Gênero: ANAIS do Seminário de Estudos Sobre a Mulher*. Paraná: UFSC/ Centro de Publicações da UFGP, 1996. P.77-83.
- [7] NATHAN, Monique. *Virginia Woolf*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (Coleção Escritores de Sempre), pp.178-185.
- [8] TELLES, Norma. *Escritoras Brasileiras no Século XIX*. IN: Gotlib, Nádia Battella (org) *A Mulher na Literatura*. Vol.III. Belo Horizonte: UFMG, 1990. Pg.127-135.
- [9] <http://www.cronopios.com.br/site/resenhas> - acesso em 18/02/2006
- [10]<http://milmaisuma.leiturascom.net/arquivo/020764> - acesso em 15/01/2006
- [11]<http://bafafa.com.br> - acesso em 17/02/2006

---

## **Autor(es)**

<sup>1</sup> **Jecilma Alves LIMA, Prof. Ms.**

Centro de Educação Tecnológica da Bahia(CEFET-BA)  
UNED – Santo Amaro  
jecilma@hotmail.com

---

<sup>5</sup> idem